

AS CARTAS QUE ESCREVO... UMA ESCRITA, VÁRIAS LINHAS, UMA PRÁTICA DE ENSINO

THE LETTERS I WRITE... A WRITTEN, MULTIPLE LINES, A PRACTICE OF TEACHING

LAS CARTAS QUE ESCRIBO... UN ESCRITO, MÚLTIPLES LÍNEAS, UNA PRÁCTICA DE LA ENSEÑANZA

Ronaldo Luís Goulart Campello*
ronaldo.campello@hotmail.com

Cynthia Farina**
cynthiafarina@pelotas.ifsul.edu.br

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da Unochapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: CAMPELLO, R. L.; FARINA, C. As cartas que escrevo... Uma escrita, várias linhas, uma prática de ensino. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 17, n. 35, p. 259-272, maio/ago. 2015.

RESUMO: Este trabalho debruça-se sobre uma prática de escrita muito antiga. Uma escrita silenciosa e muda, particular e pessoal, em que cada um imprime os seus gestos e faz a escrita de si. Jazemos na era da informação. O projeto de extensão: “As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem”, ganha força e estende-se a 2015, agora como projeto de pesquisa. O trabalho tem como campo de investigação a escrita de cartas pessoais de estudantes de um quinto ano do ensino fundamental de uma Escola Técnica Estadual no município de Pelotas-RS, Brasil. Surge latente a demanda de pesquisar os atravessamentos produzidos no docente e seus discentes envolvidos a partir dessa prática de ensino. Dessa proposta de trabalho, surge o método cartográfico de pesquisa, no qual interessa mais o processo do que os resultados, os movimentos que se pensou/pensam, na construção dos campos de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Escritas pessoais. Cartografia. Prática de ensino.

ABSTRACT: This paper focuses on an ancient writing practice. A silent written and mute, private and personal where each print your gestures, and makes writing itself. We were laid in the information age. The extension project: “The letters I write. Physical correspondence in the digital age an interdisciplinary methodology of teaching and learning”, gains strength and extends to 2015, now as a research project. The work is to research the field of writing personal letters to students a fifth year of elementary school of School Technical State in Pelotas

RS, Brazil. Latent demand arises to search the crossings produced in teaching and their students involved, from this teaching practice. This work proposal is the cartographic method of research, where more interested in the process than the results, the movements that are thought / think, in the construction of fields of study.

KEYWORDS: Personal Writings. Cartography. Teaching practice.

RESUMEN: Este trabajo se centra en una práctica muy antigua escritura. Un silencio escrita y muda, privado y personal, donde cada uno de imprimir sus gestos, y hace que la escritura misma. Nos pusimos en la era de la información. El proyecto de extensión: “Las cartas que escribo. La correspondencia física en la era digital una metodología interdisciplinaria de la enseñanza y el aprendizaje”, gana fuerza y se extiende hasta 2015, ahora como un proyecto de investigación. El trabajo es investigar el campo de escribir cartas personales a los estudiantes un quinto año de la escuela primaria de un Esc. Téc. Estado en Pelotas RS, Brasil. Surge demanda latente para buscar los cruces producidos en la enseñanza y sus estudiantes involucrados, de esta práctica docente. Esta propuesta de trabajo es el método cartográfico de la investigación, donde los más interesados en el proceso de los resultados, los movimientos que se cree / piensa, en la construcción de campos de estudio.

PALABRAS CLAVE: Escritos personales. Cartografía. La práctica docente.

* Mestrando em Educação e Tecnologia MPET-IFSUL, Pelotas-RS, Brasil. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL, Pelotas-RS. Pós-graduado em Educação: Formação de Professores, IFSUL, Campus Pelotas-RS, Brasil.

** Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coordenadora do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense (IFSUL), Pelotas-RS, Brasil.

SOBRE O SURGIMENTO DE UM PROJETO DE ESCRITA...

Percorrer os porões de minhas naveas e descobrir fragmentos de memórias é perturbador. A cada instante que a areia se move por dentro do recipiente, o tempo se assegura de ficar mais gélido. Firmando acordos sem opções de escrita e cerrando os ferrolhos do esquite. Sem ar. Sufocado.

No ano em que ingressei no magistério do Estado do Rio Grande do Sul, 2013, em uma cidade bem fria e úmida, em seu extremo, bem ao extremo, do Sul do País, deparei-me com uma aluna e sua família vindos de Manaus-AM. Tal família constituída por mãe, filhas e segundo matrimônio estabeleceu-se nos arredores da escola onde trabalho. Por tal motivo, a menina acabou por estar em minha companhia por um ano letivo. Os motivos de estarem residindo nessa cidade não cabem discorrer. A família permaneceu nesse Estado federativo o tempo que lhes foi necessário, retornando quando foi preciso.

Em uma tarde que não sei precisar adequadamente a data, tal aluna, triste, quase próximo ao fim do ano letivo de 2013, disse-me que iria retornar à sua cidade-natal, no Estado do Amazonas. Era grande o seu pesar, pois não iria manter mais contato frequente com suas amigas aqui do Sul do País quando retornasse à casa de seu pai – este limitaria seu acesso à internet.

Logo vislumbrei minha condição anterior, a de escrever de cartas, na qual precisei utilizar deste artifício de escrita para pôr o “m26”¹ em evidência. Sugeri a essa aluna que fizesse isso, trocasse cartas com as suas amigas. Através do uso de correspondências físicas, elas poderiam ainda manter contato através dessa prática, que causa mistos de alegrias, expectativas e ansiedades e demanda um esforço de dedicação ao outro. Um exercício que reafirma a afeição. Tal prática demonstra o interesse em manter viva a chama da amizade, o regozijo de ser lembrado mais uma vez por quem se gosta.

A partir desse momento, penso fortemente na ideia de usar a troca de correspondência entre meus alunos e outros de alguma escola distinta, para provocar/proporcionar, a meus estudantes, uma atividade em que estas crianças escrevessem de forma efetiva. Aprendessem na prática a usar a gramática de nossa língua. E dessa forma, quem sabe, minimizar a dificuldade que estes tinham em ler/escrever.

Aqui está o embrião do projeto de extensão “As cartas que escrevo. Correspondências físicas na era digital uma metodologia interdisciplinar de ensino e aprendizagem”, acontecimento que disparou/possibilitou pensar uma nova prática de ensino em sala de aula. Os desdobramentos seguintes levam-me a uma das últimas aulas do Seminário de Orientação à Pesquisa – núcleo 03. Nessa disciplina, tínhamos um grupo de estudos obrigatórios, que servia de suporte à leitura e orientação para a elaboração do artigo

¹ Banda de *dark* metal da qual era vocalista. <<https://www.facebook.com/m26band>>.

final do curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Educação, no Instituto Federal Sul-Rio-grandense (IFSUL) no ano de 2013.

Dialoguei com o grupo de professores que lá estavam, em especial com meu orientador da época, que não se interessou pela ideia. Mas estava muito forte o pensamento em trabalhar com cartas no ano de 2014, e, possivelmente, escrever meu artigo sobre o assunto. Havia feito um esboço escrito da ideia que tinha imaginado (pré-projeto) e apresentei a todos, já que meu orientador não mostrou interesse, poderia alguém naquela sala se interessar. E ocorre, uma professora, Cecília O. Boanova, interessou-se em ler e ver as possibilidades de uso dessa ideia.

Uma semana depois, essa professora entrou em contato dizendo ter inscrito o projeto no Edital Proex/IFSUL nº 04/2014 para arrebatar verbas para podermos trabalhar com essas cartas, bem como para incluir bolsistas para auxiliar nas atividades que seriam propostas com a turma.

Após a submissão do projeto ao edital e sua aceitação, surge a participação dos bolsistas Liader (do curso de Design) e Dani (do curso de Comunicação Visual), alunos da referida professora. Todas as sextas-feiras por um período de nove meses os três entraram em minha sala de aula e promoveram atividades de desenho, pintura, observação de imagens etc., comuns a esses cursos. Tais atividades foram adequadas à faixa etária dos estudantes.

Mas, antes de os meus estudantes terem os primeiros contatos com a escrita de cartas, foi preciso contextualizar o gênero “cartas”, que está dentro dos conteúdos programáticos do quinto ano, e as formas como este gênero se apresenta em nosso dia a dia. Os diferentes modos como as correspondências transitam/aparecem em nosso cotidiano e nem nos damos conta. Contas/faturas que chegam envelopadas, bilhetes, as próprias cartas pessoais etc. Trabalhei com atividades que envolviam tal gênero por um período além do programado em meus planos de aula. Outros gêneros textuais foram também apresentados e trabalhados em aula, mas deu-se sempre um enfoque maior ao gênero carta.

Ensinei-lhes para que serve o envelope, o surgimento dos selos e a sua função, algumas curiosidades a cerca desse gênero textual. Tais como a filatelia, que tão somente é o estudo e o colecionar selos postais. Produzimos uma entrevista para ser respondida pelo carteiro que faz a rota das casas dos alunos. Interpretamos a escrita de cartas em sessões de revistas, bilhetes, cartas epistolares retiradas de textos acadêmicos, por exemplo, etc. Produzimos algumas cartas, escrevendo para nós mesmos, em sala de aula, e para nossos familiares, e também trabalhamos a arte postal, tratando de pontos turísticos em nossa cidade e região etc.

Essas atividades preliminares marcaram o início das atividades de escrita de cartas com os alunos do turno da tarde no ano de 2014. Após tais exercícios, passamos efetivamente à escrita das cartas a outros estudantes, o que ocorreu em meados de abril/maio de 2014. É quando o

projeto tem início com a participação de uma professora e de seus alunos da Escola Sociedade Educacional Acesso, em Curitiba-PR, que se interessa pela ideia da trocar cartas.

Nessa primeira e efetiva escrita, deixei que os meus estudantes se apresentassem aos outros colegas da referida escola. Eles se apresentaram aos outros e pouca conversa surgiu no início. O que predominou foram apresentações típicas do tipo:

“Olá me chamo... E você como se chama?”

“Do que você gosta? Eu gosto de jogar bola...”

Após as apresentações iniciais entre os alunos, que se prolongou na existência dos movimentos de envio e recebimento de duas cartas para ambos os grupos, surgem poucos diálogos entre os envolvidos. Nesse momento, as conversas tiveram de ser direcionadas pelos professores, com temas que pudessem ser trabalhados com os conteúdos de sala de aula e socializados em atividades posteriores pelos grupos.

As atividades efetivas propostas por mim eram didáticas. O ensino de Língua Portuguesa, e sua gramática, assim como correções ortográficas, eram feitas nas atividades de escrita e leitura das cartas. Na socialização da leitura, eram feitas correções de concordância.

Ao longo do trabalho, buscou-se construir um campo dialógico entre os estudantes, procurando descobrir afinidades, particularidades entre eles, do que se pensou que poderíamos dar seguimento aos diálogos, esperando que os estudantes escreventes se “soltassem” em suas missivas, deixassem fluir sua palavra.

Após a troca das primeiras cartas com os alunos daquela escola, surge a possibilidade de dar duas entrevistas em duas rádios locais na cidade de Pelotas-RS, rádio RU AM, na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), e rádio Cultura AM, na qual outra professora ouve as entrevistas cedidas por mim e um grupo de alunos, e se interessa em participar da troca de cartas. A professora é do município do Capão do Leão-RS, e a sua escola é E. E. E. M. Presidente Castelo Branco. A partir de então, novas cartas percorrem a região onde moramos (extremo sul do Rio Grande do Sul).

Tais atividades didáticas e outras que foram surgindo se constituíram no decorrer de um ano, tendo as sextas-feiras para as atividades “extracurriculares” com a Prof.^a Cecília Oliveira, e outras atividades que se produziam sempre após recebermos as cartas.

CARTAS À COLOMBIA...

Logo em seguida, algumas outras cartas também partem à cidade de Medellín–Colômbia. Tal fato aconteceu em virtude de este projeto ser em parte pensado dentro do campus do IFSUL Pelotas. Ao longo do ano, ocorreram algumas visitas de alunos de pós-graduação e professores da cidade de Medellín. Tivemos o prazer, na escola em que trabalho, de receber a visita deles e poder conhecê-los

pessoalmente. As visitas se totalizaram em um número de três. Tais visitas ocorreram em virtude de um intercâmbio que ocorre entre os cursos de pós-graduação das instituições do IFSUL e a Universidad de Antioquia e Universidad de San Buenaventura.

Alunos e professores das Universidades vêm e participam de atividades no IFSUL, e alunos e professores do Instituto fazem o movimento inverso. Por conseguinte, e através desse intercâmbio, alguns professores colombianos despertaram curiosidade pelo projeto que desenvolvo, a partir dos comentários positivos feitos pela Prof.^a Cecília em relação ao andamento das atividades na escola Sylvia Mello a outro docente do IFSUL, Prof. Goy, que resolveu colaborar, intermediando contato com a Prof.^a Matilde Salazar, da Universidad de Antioquia, na Colômbia, e também Institución Educativa Benedikta Zur Nieden, e passamos a trocar cartas com estudantes de três escolas daquela cidade, cujos docentes estudam em tais universidades colombianas.

As escolas que participaram deste trabalho na cidade colombiana foram: Institución Educativa Miraflores, Institución Educativa Juan Maria Cespedes; Institución Educativa Héctor Abad Gómez; Universidad de San Buenaventura Medellín Colômbia. O interesse desses professores pelo projeto possibilitou uma troca e um enriquecimento cultural incrível aos discentes nas instituições envolvidas.

As cartas eram escritas em suas línguas maternas. Não foi utilizada a forma tradicional, postagens a partir dos correios. Outros carteiros surgiram. Alunos e professores das instituições envolvidas, em atividades de intercâmbio, com o grupo Nodo de Investigación de lared de Gestión y Calidad, que levavam e traziam os pacotes.

Não somente cartas foram trocadas: muitas balas, pirulitos, livros, artesanatos típicos regionais eram enviados de um a outro correspondente. Enviei à Prof.^a Ilduara Castaño dois livros: Primeiro Satolep de Vitor Ramil, escritor, músico pelotense, que em seu livro fala de uma Pelotas rica, poética envolta em tons de cinza, coberta pela névoa, e traz em suas páginas a fala sobre outro grande poeta pelotense, João Simões Lopes Neto. O segundo livro que lhe enviei foi: Contos Gauchescos, deste segundo autor. Essas trocas tornavam as escritas prazerosas. Sempre que recebíamos algum envelope, sabíamos que algo mais estava ali. Existia muita expectativa no recebimento dessas cartas.

Foram trocas que proporcionaram a ambos os envolvidos experiências novas, ricas. Aos estudantes e a mim, como docente, pode-se dizer que foram experiências riquíssimas. Aos alunos, o contato direto com nativos de outra língua, nesse caso a Língua Espanhola, algo que talvez alguns deles nunca possam experimentar. Tal experiência a muitos de meus estudantes foi enriquecedora. Algo novo. A mim, como docente, ter a oportunidade de ter despertado a curiosidade de outros docentes através de uma prática de ensino, que entre outras coisas, proporcionou uma

série de atividades que se desencadearam em uma reação em cadeia, em que a cada momento uma proposta sugere uma nova troca de correspondência.

A escrita, a leitura de si feita por pares que mesmo longe geograficamente se colocariam ao lado. Com seus mesmos receios, suas angústias, suas dúvidas e seus erros gramaticais. Tornando, dessa forma, o ensino-aprendizagem desses estudantes mais rico, mais vivo. Proporcionando a eles uma forma de ensino na qual eles sejam os protagonistas, as atividades sejam contextualizadas com suas realidades, com o seu saber. Com fatos de sua história, seus registros do lugar onde moram, do local onde estudam, onde suas memórias se constituem, permitindo dessa forma a cada um desses indivíduos se constituírem a si mesmos e a dar voz a suas palavras, suas escritas, suas narrativas pessoais.

PARA QUEM ESTAMOS ESCRREVENDO HOJE...

No ano de 2015, surge a possibilidade de enviar um grupo de cartas à cidade de Luanda, na Angola-África. Há ainda trocas que estão sendo feitas com um grupo de alunos do interior do município de Piratini-RS, coincidentemente, com alunos de uma escola onde trabalhei de 2005 a 2010. A mesma escola a qual fui funcionário de manutenção e infraestrutura.

Faço, neste momento, um breve relato de como se engendraram os fatos. O dia é 25 de agosto de 2014. O local é o teatro Guarany em Pelotas. O horário: passa um pouco das 9 horas da manhã. Está ocorrendo a palestra de abertura do 12º Poder Escolar, realmente não sei quem está palestrando, neste momento deve ser a vice-prefeita do município de Pelotas-RS, Paula Mascarenhas. Entre outros que dialogaram nessa cerimônia de abertura, ela é só mais uma. Todos ali proferiram discursos de incentivo à educação. Ao ato de ensinar, entre outros discursos que perderam sua força por serem repetitivos. Abastados da mesma fala. Em um evento como este, o que realmente importa é a troca de experiências entre os pares. É a conversa de corredor, é a apresentação dos trabalhos em si, em que se pode perceber atividades que estejam sendo cunhadas em sala de aula e que podem produzir sentido a outros.

Entrementes, há alguns conhecidos que surgem e batem um papo rápido e logo se assentam em suas poltronas. Uma me chama a atenção. Fazia muito tempo que não a via e não conversava com ela. A Prof.^a Grazi, que trabalha na escola Dr. José Maria da Silveira, no segundo distrito do município de Piratini-RS.

Conversamos por algum tempo naquela manhã, sobre como estavam as coisas na escola (José Maria), na rotina da tal professora e de como as coisas mudaram muito em minha rotina, e também sobre o trabalho que apresentaria nesse evento à tarde.

Também falei sobre um projeto de escrita de cartas que estava desenvolvendo, o qual chamou muito a atenção dessa professora e que logo de cara me perguntou se não havia como ela participar com seus alunos no ano de 2015. Disse-lhe que sim e que seria muito bom poder trazer duas realidades distintas. Interior (meio rural) e cidade (meio urbano) juntos num processo de escrita, comungando de experiências ímpares e comuns. Nos dias atuais, tal professora e seus alunos estão participando das atividades de produção de cartas pessoais.

A ESCOLA, LINHAS, ESCRITAS E CAMINHOS POSSÍVEIS...

Pensar que, no ambiente que compreende a escola, existem espaços que se constituem a partir de linhas que se atravessam e são produtoras de subjetividades que acabam por provocar o assujeitamento dos corpos em meio à produção de conhecimento é no mínimo fascinante.

O ambiente escolar é promotor de multiplicidades, promotor de atravessamentos que afetam os modos de subjetivação de seus atores. Estar afetado é “[...] ser sensível à coisa miúda que faz com que tudo vire trapo” (DELEUZE, 1997, p. 16). Estar sensível à coisa miúda, na perspectiva que esse texto aborda, é não somente pensar o ato de ler e escrever simples e mecanicamente numa realização didática diária e corriqueira de qualquer estudante em qualquer nível de ensino, mas pensar a complexidade que exige/existe. Para Deleuze (1997), desejar é construir agenciamentos e desejar é delirar. Assim, delirar torna-se agenciar numa reunião do que pode tocar, afetar, atravessar e passar. Para esse autor, nunca desejamos algo sozinhos; o desejo é sempre num contexto. Também não desejamos um conjunto, desejamos em um conjunto².

De tal modo, apostamos que tais agenciamentos e desejos sejam produzidos por meio de encontros. E que esses encontros, quando colocados em movimento para pensar educação, possam acontecer também por meio de uma aula. Por exemplo, há que se levar em conta o desejo do professor durante a preparação da aula, na escolha dos recursos que serão utilizados. No método que será empregado. No modo como será apreendida/sentida pelos estudantes, a partir dos encontros que o professor é capaz de colocar em movimento.

Buscar olhar para tais atividades que envolvem o ato simples de ler, que se encontra amplamente intrincado ao educando e prioriza principalmente a construção e interpretação de textos. Pensar na coisa miúda e, é o que se pretende neste trabalho, pensar que o aluno só se sentirá à vontade e motivado ao novo a partir de artifícios prazerosos que lhe possibilitem conhecer e agir com novas possibilidades de aprendizagem que fuja da rotina do quadro de giz e das explicações dialógicas sobre os conteúdos trabalhados. E, também, o desejo de pensar no ato de ler e

² Ideias elaboradas a partir da letra “D”, de Desejo, contidas no Abecedário. O Abecedário de Gilles Deleuze é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2015.

escrever como um processo amplo de constituição de narrativas. Um seleiro fértil de potencialidades.

PENSAR POSSIBILIDADES DE SE REFAZER

Este texto trata disso, uma prática/exercício que se caracteriza basicamente na investigação de como ocorre o exercício da escrita e leitura de estudantes de um quinto ano de uma escola pública estadual no município de Pelotas-RS.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2002, p. 29).

Na fala de Freire (2002), alicerço minha palavra e dou voz ao que penso como professor pesquisador, produtor de questionamentos sobre minha prática docente, minha construção como...; na interação que há entre professor e estudante.

O professor que, aqui, constitui-se pesquisador, a partir das observações que faz de seus estudantes. A partir dos questionamentos que o desassossegam e movem seu olhar sobre, principalmente, seu ambiente escolar. Sobre as particularidades inerentes à sua profissão de educador. Que se faz questionar sobre sua própria docência; seu papel neste ambiente. Suas convicções. Desejos. Anseios. Seus desassossegos e inquietações. Ardores que movem pesquisadores a lançarem-se em suas empreitadas e a buscar, decifrar, resolver as questões que lhe interrogam: “[...] um professor-pesquisador que investiga seus próprios movimentos em relação às suas problemáticas profissionais e perspectivas a criação pedagógica” (MATTOS et al., 2015, p. 227).

Esse professor tem a possibilidade de inovar e pôr em ação uma prática educativa que poderia amenizar as dificuldades que encontra, no início de cada ano letivo, em seus estudantes, aquisição da escrita e leitura de forma efetiva. Para Pereira et al. (2012, p. 963), “[...] inovar é ‘transformar a própria prática’ e relembramos que a fonte da inovação endógena é a prática reflexiva”. Esse mesmo professor que em determinado momento observa sua turma de 22 estudantes com faixa etária entre os dez e doze anos de idade, e diz que eles têm dificuldades no seu ler e compreender o que se escreve, e que precisam ser sanadas. Em que medida o professor pode contribuir para potencializar a capacidade de escrita e leitura do ser aprendiz?

Repenso a minha prática. É aqui que possibilito me transformar e transformar esses estudantes. Ao sair do

quadro de giz, das práticas tradicionais de ensino-aprendizagem, inovou. Ao trazer a possibilidade de escrita de modo efetivo, a leitura de textos “reais” a esse grupo de estudantes, escritos por pares, com os mesmos erros com os quais eles estão acostumados a produzir os seus textos, com as mesmas dificuldades de interpretação que eles têm ao lerem, possibilito-lhes um encontro consigo mesmos. Crio linhas de fuga em seu modo cotidiano de aprender. Possibilito uma escrita real de si e para si. Mas, aqui está plantada uma semente de dúvida, pois este trabalho poderá ou não dar certo. Os resultados poderão ser satisfatórios ou não. É nesse contexto que esta pesquisa trabalha com o método cartográfico de pesquisa, pois, o que importa na verdade não são os resultados, e sim os movimentos.

É com a aspiração maior de proporcionar a esses estudantes uma experiência que lhes atravesse, mude-os de algum modo, que lhes traga significados, que talvez antes nunca tenham experienciado através do uso da escrita, através do uso da palavra que este projeto reinventa. Pensando a palavra em Larrosa (2002), esta que nos determina, que nos dá sentido em tudo que somos e na forma como agimos, a vontade é esperar que tais estudantes deem um sentido próprio, seu sentido à palavra “espera”, seu sentido à palavra “escrever”. Esperar que “[...] o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegure o que há de mais doce na presença: reencontrar” (SÊNECA apud FOUCAULT, 1983).

A escrita deste texto surge a partir de um trabalho que se debruça sobre uma prática de escrita muito antiga, que nos dias atuais é percebida com muito saudosismo. Pouco experimentada nesta geração das janelas, das imagens rápidas e cliques alucinados. Uma prática. Uma escrita que sai do recôndito particular e privado. Uma escrita silenciosa e muda, que é tão particular. Tão pessoal, em que cada um imprime seus gestos, suas marcas, e faz a escrita de si. Um fazer autobiográfico que deixa preme o papel, o envelope, o ambiente; com sua caligrafia, com o ar de seus pulmões, com os pensamentos que lhe cercam. Suas impressões que ardem em seu peito. Subjetivas impressões que choram. Bravejam. Gorjeiam e murmuram. Esquivam-se pelas linhas da folha que demarcam espaços, por entre verbos e conjunções. Linhas. Fronteiras abissais que se rompem e que são atravessadas...

Importantíssimo meio de comunicação e interlocução que perde sua força de potência em pouco mais de três décadas, em virtude da grande expansão/evolução das tecnologias de informação/comunicação que hoje oxigena seus pulmões na rede *web*. Constituindo-se assim na invenção e no incremento de inúmeros modos de emissão e exibição de informações, que ganha força nas vantagens práticas do envio de textos, através dos correios eletrônicos em que se pode anexar arquivos e também colocar imagens, dados. E faz com que este seja sinônimo de benefícios quando utilizado, tanto por pessoas físicas quanto por empresas público-privada, entre outras.

O clique. Uma. Duas. Três vezes, e assim sucessivamente. Uma. Duas. Três ou mais horas sob a luz intensa do monitor. Frenética ou calmamente. Algo quase que instantâneo. Temos em nossa frente o simples comando “enviar”, “minimizar”, “fechar”. “Salvar”. “Não salvar”. “Cancelar”. Janela a janela. Mundos se fecham, portas se abrem. Possibilidades surgem. Textos se vão, se esvaem. Navegam na rede, no emaranhado de outros tantos. Surfam na onda, que se avoluma a cada instante. Tsunami de informações. “Esta é a era da informação. A época das opiniões sobre tudo. Mesmo que sejam vazias. Esta é a época em que todos opinam sobre tudo” (LARROSA, 2002). Futebol. Política. Religião. Sexo. Violência, e... e... e... Existe um oceano de possibilidades entre esta “[...] conjunção que possibilita se propagar entre, por dentro, recostando-se nas laterais, rasgando-se por meio dos verbos e atravessando-os ao meio. Formando rizomas” (DELEUZE, 1995). Quase que no mesmo instante, em que remetemos/derramamos um texto, seja ele ínfimo ou bem consistente, embasado ou não. Sólido em seus conceitos ou em vias de chocar-se contra as paredes da academia, ou outrem, e ser refutado pela má compreensão dos conceitos, das ideais, não importa. Seja via *e-mail*, e/ou *sites* sociais (Facebook, *blogs*, Whatsapp etc.), esse texto se comunica com seu receptor, intencional ou não, quase que instantaneamente.

Dependendo do veículo que é utilizado, as respostas são imediatas. Facilidades. Benefícios. Vantagens. Ou não... Disseminando-se como vermes num corpo que apodrece. Não se sabe quando é o início. O meio, ou o fim. Todos surgem em uma grande confusão. Mas estão ali, reconstituindo a matéria. Produzindo algo novo, a partir de algo que já foi. Existiu. O nada que surge carregado de lembranças de algo que durou.

Jazemos na era da informação. “A informação não deixa lugar para a experiência, a informação não faz outra coisa que não cancelar nossas possibilidades de experiência” (LARROSA, 2002, p. 24). A experiência é a forma como o conhecimento se dilui e transforma o homem e as sociedades. É a partir da experiência, seja ela individual e/ou coletiva, que somos atravessados. Contextualizados com aquilo que se apreende. Com aqueles com os quais nos relacionamos e convivemos. “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2002, p. 21).

METODOLOGIA

Este projeto desenvolveu-se sob o ponto de vista de uma pesquisa qualitativa, a qual visa focar as peculiaridades de um grupo social específico envolvido, e tem por finalidade apreender os fenômenos que ocorrem com esse grupo, bem como de conhecer de forma mais substancial suas vivências e as formas como se representam.

Temos como proposta de atividade o método cartográfico que se aproxima de algumas investigações qualitativas e, por conseguinte, se distancia de outras. Segundo César et al. (2013, p. 358), isso ocorre quando, “[...] nessas investigações, privilegia-se o estudo dos fenômenos (valores, crenças, opiniões, hábitos) separados de sua dimensão processual de produção”. O processo de aproximação se dá na harmonia do compartilhamento e da produção das inquietações e das hipóteses que surgem e se insinuam na metodologia de pesquisa adotada. Tal como diz Turato (2005, p. 509), “como o objeto de estudo acontece”. O método cartográfico, segundo César et al. (2013, p. 359), “[...] não se define por suas metas traçadas anteriormente, tampouco se delimita a partir desta ou daquela ferramenta de pesquisa, embora o pesquisador não parta do ponto zero, mas se constrói a partir de um patrimônio, de uma história, de outras experiências”. Segundo Ferrigato et al. (2011, p. 665), a:

[...] investigação qualitativa é, portanto, uma atividade que se afirma a partir do contexto situacional, da localização e implicação do observador em relação ao objeto e seu entorno. Esta mudança paradigmática marca uma tendência dessa forma de abordagem rumo a um compromisso com a mudança. Para Denzin e Lincoln (2005), isso se refere a um conjunto de práticas materiais (como notas de campo, entrevistas, conversações, fotografias, narrativas e memórias de si) que possibilitam tornar o mundo visível e transformá-lo a partir do ato de pesquisar.

O método cartográfico de pesquisa permite trabalhar de uma forma/modo em que o que interessa mais é o processo do que os resultados. Os movimentos de construção das atividades, das discussões, o que se pensou em fazer, o que foi feito. “Cartografar é acompanhar um processo, e não representar um objeto” (KASTRUP, 2008, p. 469). O que se estava produzindo nesses estudantes durante tal processo de escrita e leitura? O que neles os movia a escrever? Se era o desejo do professor-pesquisador com seu projeto, ou se existia neles vontades, curiosidades, desejos em escrever, e quais eram esses desejos, vontades, curiosidades?

O método cartográfico de pesquisa surge para dar a possibilidade de que “[...] os instrumentos sejam forjados, resituando-os sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa a partir de si mesmos” (CESAR et al., 2013, p. 359).

Na cartografia habitual, amplamente utilizada na ciência geográfica, temos no estudo dos mapas o seu ponto forte. Simplesmente falando, aprende-se inúmeros conceitos sobre escala, topografia, paisagens, localização, hidrografia etc., para depois unir tais elementos em um croqui, uma carta topográfica, um mapa, e assim sabermos interpretar/ler tal documento. Na cartografia proposta a partir

dos estudos da filosofia da diferença, o procedimento cartográfico assume outra proposta. Não diferente, apreendem os conceitos, mas mergulham-se em outros campos. Na geografia dos afetos, das sensibilidades. Dos movimentos, das subjetividades, para poder, assim, refletir sobre procedimentos de transformação que afetem/possibilitem implicações no individual e também no coletivo. Pesquisador e problema de pesquisa. Segundo Rolnik (1989, p. 65),

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo do social. E pouco importa que setores da vida social toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência...

Para o cartógrafo, a todo instante surgem pistas. Trilhas. Sendas. “[...] todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (ROLNIK, 1989, p. 65), que as possibilidades de fuga se apresentem. “[...] A cartografia não depende de um plano a executar, de um conjunto de competências a adquirir ou de uma lista de habilidades a aplicar em determinado campo pelo pesquisador” (FARINA, 2008, p. 9), para isso, é necessário estar atento. Em silêncio. A espreita. “Alguém à espreita é alguém aberto à turbulência do ‘fora’, se dispõe às afetações, atento ao inesperado. A qualquer momento alguma coisa pode acontecer; e não se sabe o quê.” (VASCONCELOS, 2007, p. 1).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do processo de confecção deste trabalho, que ainda está se desenvolvendo e tem como campo de investigação a escrita de cartas pessoais de um grupo de estudantes, têm-se como foco principal de análise os dados coletados no seu percurso de desenvolvimento, que se constituirá, a partir da escrita das cartas, a escrita de textos que surgem com questionamentos pontuais sobre uma fala de si. Conversas/diálogos em um grupo focal com os estudantes e os outros professores participantes. Análise bibliográfica de autores que corroborem com a proposta de investigação sugerida.

Apreciação de algumas atividades produzidas em sala de aula e a partir de observações *a posteriori* e conversas com esse(s) grupo(s) para poder entender aspectos particulares que a escrita está produzindo/produziu nesses escreventes. Peculiaridades e especificidades deles que comungam e situam-se em paralelo em momentos distintos quando estes são estudantes de um quinto ano, por exemplo, e quando esses mesmos escreventes apontam para direções distintas quanto às singularidades que existem

em virtude dos territórios que habitam. Conhecer de forma substancial suas vivências e as formas como se representam.

No decorrer desta escrita, as ideias vão surgindo e algumas são acrescidas, outras não. As leituras de outros textos que comungam no mesmo pensamento contribuem com os escritos já feitos. Alguns excertos dos quais na cartografia brotam/surgem como um estilo na configuração do trajeto da pesquisa e que implicam profundamente nas ações, no ato de produzir, de entender as amarrações das redes, teias, rizomas, do possibilitar acompanhar o cortejo, as festividades fúnebres. Das oscilações e da construção dos campos conceituais, por exemplo, dos mapas – que aqui são as cartas. Platôs. O território por onde transitamos. Cartas epistolares como produto da prática educativa de/no ensino-aprendizagem de um corpo discente.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Janaína Mariano. SILVA, Fabio Herbert da. BICALHA, Pedro Paulo Gastalho de. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. **Fractal, Ver. Psicol.**, v. 25, n. 2, p. 357-372, maio/ago., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200009&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 maio 2015.

DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1995. v. 1.

_____. _____. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: 34, 1997. v. 5.

FARINA, Cynthia. Arte e formação: uma cartografia da experiência estética atual. In Reunião da ANPED, 31. **Anais...** Caxambu, 2008. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:y98tS1A3yGsJ:31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014--Int.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

FERIGATO, Sabrina Helena. CARVALHO, Sérgio Resende. Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v. 15, n. 38, p. 663-75, jul./set., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v15n38/aop3411.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2015.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**,

n. 19, jan./abr., 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

MATTOS, Sônia Regina da Luz; SCHULER, Betina; CORAZZA, Sandra Mara. Formação do professor-pesquisador: aprendizado que afirma a vida. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 24, n. 43, p. 225-236, jan./jun. 2015. Disponível em: <[file:///D:/Usuario/Downloads/1330-3269-1-SM%20\(1\).pdf](file:///D:/Usuario/Downloads/1330-3269-1-SM%20(1).pdf)>. Acesso em: 6 set. 2015.

PEREIRA, Wilza Rocha et al. Práticas pedagógicas, processos de subjetivação e desejo de aprender na perspectiva institucionalista. **Acta Paul Enferm.**, v. 25, n. 6, p. 962-968, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n6/v25n6a21.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2015.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-517, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003489102005000300025&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 maio 2015.

VASCONCELOS, Maria Helena Falcão de. A escrita nômade de Clarice Lispector. **ALEGRAR**, n. 4, 2007. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:LhIVYROSMJ:www.alegrar.om.br/o4/textos_A_04/03_escrita.pdf+&cd=6&hl=ptBR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 9 jun. 2015.

KASTRUP, Virgínia O método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (Orgs.). **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008, p. 465-489. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n1/v10n1a07.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2015.